

APRENDENDO LIBRAS COM ALINE: UMA ANÁLISE LITERÁRIA EM DEFESA DA APROPRIAÇÃO DA LÍNGUA DE SINAIS COMO PATRIMÔNIO NACIONAL

Carmem Célia de Jesus Andrade(Especialista/UEM)
Carmem-celia@hotmail.com

Luzia Débora F.de L.Barbosa (Mestranda/UEPB)
deboralimaee@gmail.com

Kaliandra K.S.C. de Araújo (Espacialista/ UFCG)
kaliandraksc@gmail.com

Vanessa da Silva Freitas (Graduanda em Geografia/UEPB)
wanessas2mm@gmail.com

RESUMO

Este artigo é fruto de uma análise bibliográfica sobre a importância da escola regular preparar-se previamente para a inclusão de alunos surdos no ensino regular por meio da apropriação da Língua de Sinais (LIBRAS) como a segunda língua brasileira. Este estudo teve como âncora de investigação a obra literária “Aprendendo LIBRAS com Aline” (livro produzido no ano de 2010, na cidade de Campina Grande) e os estudos de (ARCOVERDE, 2004); (ALMEIDA, 2002); (BRASIL, 2004); (MACHADO, 2005); (LACERDA, 2006); (DEMO, 2005); (BEYER, 2009); (DAMÁZIO,2010); (FERREIRA ,2010); (ALVES, 2010) que retrata os desafios de uma aluna surda alfabetizada primeiramente em LIBRAS, por seus pais surdos, e depara-se com uma escola de ensino regular que desconhece os sinais para efetivar a comunicação, dificultando o processo de ensino-aprendizagem e as relações professor–aluno; aluno surdo-aluno ouvinte.. Configura-se o maior dos desafios que a escola enfrenta: gerar possibilidades de transformar o agir docente direcionado para uma pedagogia inclusiva.

Palavras-chave: LIBRAS - Escola regular - Pessoa surda

ABSTRACT This article is based on a literature review on the importance of regular school, prepare to for the inclusion of deaf students in regular schools through the appropriation of the Sign Language (Libras) as the second Brazilian language. This study was to anchor the research, the literary book "Learning LIBRAS with Aline." (book produced in 2010 in the city of Campina Grande) The studies of (ARCOVERDE, 2004); (ALMEIDA, 2002); (BRAZIL, 2004); (MACHADO, 2005); (LACERDA, 2006); (DEMO, 2005); (BEYER, 2009); (DAMÁZIO, 2010); (FERREIRA, 2010); (ALVES, 2010) The book portrays the challenges of a deaf student in first literate

LIBRAS, for their deaf parents, and it faces a regular school education that ignores the signals to effect communication. Hindering the process of teaching and learning and teacher-student relationships; deaf student - student listener.. the greatest of challenges school faces this direction is to create opportunities to transform the teaching act, directed toward an inclusive pedagogy.

Keywords: LIBRAS - Regular School - Deaf Person

INTRODUÇÃO

Inclusão escolar, numa perspectiva teórica, implica na defesa de que “a escola deve atender a todas as crianças, inclusive aquelas consideradas ‘diferentes’, em função de deficiência ou desvantagens várias” (BAPTISTA, 2009, p. 7). Nesse sentido, o espaço escolar deve ser antes de tudo, o que acolhe o outro diferente. Mas, não deveria ser assim para todos? A escola não é o lugar que enfrenta o desafio de congregar a todos “os diferentes” (diferentes – não é assim que se constitui o ser humano)?

Neste trabalho, nosso estudo teve como objetivo evidenciar a importância da difusão da segunda língua nacionalizada brasileira (Lei nº 10.436), a LIBRAS, através de uma análise bibliográfica da obra literária “Aprendendo LIBRAS com Aline” sobre a necessidade da escola regular preparar-se previamente para a inclusão de alunos surdos no ensino regular.

Alguns questionamentos começaram a surgir e inquietar a nossa análise, as quais permearam as questões: interações por meio de gestos e leitura labial são suficientes e adequadas para assegurar o aprendizado de um aluno surdo? O que acontece no processo de ensino que gera dificuldade de aprendizagem? A escola pública regular está agindo no sentido de promover a inclusão escolar de alunos surdos? Quantas questões poderiam e foram levantadas? E, por fim, a maior de todas: Inclusão?... Em qual sentido?

Há que se reconhecer, no entanto, que educação escolar deve priorizar o que Demo (2009, p. 24) enuncia “cuidar da aprendizagem do aluno, com afinco, dedicação, sistematicidade, continuidade, persistência”. Por isso, incluir o outro na escola deve ser, no mínimo, agir para que esse outro aprenda.

Ao confrontarmos arcabouço teórico ao enredo da obra em questão analisadas concluímos que aprender a LIBRAS é valorizar a própria nacionalidade, tendo em

vista que o Brasil perante a lei assume a posição de ser um país bilíngüe e riquíssimo em diversidade cultural, racial, religiosa e humanística.

LIBRAS: PATRIMÔNIO NACIONAL

A LIBRA, como patrimônio nacional, pertence ao povo brasileiro e a quem dela quiser participar da reconstrução de nossa sociedade humana na esfera lingüística, em um país que com imensas desigualdades e conflitos sociais, políticos, econômicos, éticos, educacionais, existe em meio a estes desencontros, possibilidades reais de mudanças, como apreender uma nova língua que desconstruirá pré-conceitos inferiorizados relacionados aqueles que a tomam para si para estabelecerem a comunicação entre seus pares ou entre diferentes.

Os articuladores primários da língua de sinais são as mãos, que se movimentam no espaço em frente ao corpo e articulam sinais em determinadas locações nesse espaço. Um sinal pode ser articulado com uma das mãos. Um mesmo sinal, tanto pode ser articulado com a mão direita quanto com a esquerda. O alfabeto manual não faz parte da língua de sinais. Ele é usado para fazer a datilologia de nomes de pessoas, de localidades e outras palavras que não possuem sinal.

A língua de sinais brasileira, assim como as outras línguas de sinais, é basicamente produzida pelas mãos, embora movimentos do corpo e da face também desempenhem funções. Seus principais parâmetros fonológicos são locação, movimento e configuração de mão.

Assim como em outras línguas de sinais até o momento investigadas, na língua de sinais brasileira o espaço de enunciação é uma área que contém todos os pontos dentro do raio de alcance das mãos em que os sinais são articulados.

Como as palavras em todas as línguas humanas, mas diferentemente dos gestos (mímicas), os sinais pertencem a categorias lexicais ou a classes de palavras tais como nome, verbo, adjetivo, advérbio, etc., conforme exemplos a seguir: A lei 10.436 reconhece a LIBRAS como meio legal de comunicação e expressão entre pessoas surdas e ouvintes e é por meio dela que determina a presença de intérpretes em LIBRAS nas escolas regulares, apesar de que a presença do mesmo também não garante o respeito, o ensino de uma educação BILÍNGÜE-CULTURAL e a construção da identidade dos alunos surdos inseridos neste espaço escolar.

Neste contexto, esta breve explanação acerca das peculiaridades da LIBRAS, enquanto idioma, teve por objetivo demonstrar as dificuldades enfrentadas pela professora participante desta pesquisa e conseqüentemente seu discurso em relação a inclusão da pessoa com surdez no ensino regular.

A partir das discussões, compreendemos que a inclusão de pessoas surdas no ensino regular é possível mediante uma implementação de medidas que promovam uma formação docente voltada para esta proposta e a presença do profissional intérprete de Libras em sala de aula.

O desconhecimento das LIBRAS gera o desrespeito pela língua de sinais e o descrédito das potencialidades e habilidades dos surdos, como também enraíza os preconceitos e fortalece uma cultura educacional simplificada que ofereceu o mínimo de conhecimentos sistematizados devido a utilização apenas de gestos nas interações lingüísticas, comprometendo o ensino transmitido.

Compreendemos assim, que a “palavra” para a criança surda pode ser entendida aqui por sinais- LIBRAS, em que a linguagem assume o papel de ser o canal de envio e recebimento do conhecimento apropriado pelo aluno. Partindo deste pressuposto, percebemos que, o que ocorre na educação das crianças surdas, no ensino regular ,expostas a este tipo de comunicação é a facilitação da aquisição do conteúdo, por meio dos códigos visuais.

Esta facilitação pode ser considerada benéfica, mas não dá conta de todas as necessidades da criança surda que precisa ter a oportunidade de usufruir da sua primeira língua, a LIBRAS. É provável, que o desafio maior, o uso da língua de sinais, seja a evidência que revela o que acontece no cotidiano da sala de aula.

PERCURSO METODOLOGICO

Quando nos deparamos com uma “situação problema” somos, freqüentemente, movidos em direção à busca de explicações e soluções. Nesse intento, investigamos o mundo e as pessoas à nossa volta, assim como a nós mesmos, a fim de compreendermos o que entece nessa realidade, tendo em vista que “ser professor, também é vivenciar a necessidade de ampliar sua consciência sobre a própria prática da sala de aula e a da escola como um todo” (GHEDIN & FRANCO, 2008, p. 13).

Tardif e Lessard (2009, p. 69), afirmam que “um professor trabalha, portanto, com e sobre seres humanos”. E, para tanto, se faz necessário “questionamento reconstrutivo”, pois é mister “desvendar o que há por trás das aparências, {...} reconstruir, oferecendo alternativas de compreensão e explicação dos fenômenos” (DEMO, 2009, p. 22). Nessa perspectiva, vislumbramos um percurso teórico que permitiu um conhecimento possível sobre nosso objeto de estudo, pois como argumentam Moreira e Caleffe (2008, p. 39):

É preciso, portanto, que os professores reflitam sobre os principais paradigmas que estruturam e organizam a pesquisa contemporânea e desenvolvam a sensibilidade para o fato de que diferentes abordagens provavelmente produzirão diferentes formas de conhecimento.

Este estudo, de natureza qualitativa, toma como base as orientações para a análise bibliográfica, investindo numa “tentativa de compreendermos quem se é e como se é neste mundo” (GHEDIN e FRANCO, 2008, p. 149). Sendo assim, imbuídas de uma postura hermenêutica, buscamos a construção de um caminho na relação com o contexto, demarcado pelo estudo da obra literária “Aprendendo LIBRAS com Aline” utilizando-se de uma observação detalhada dos pontos apresentados no enredo da história a qual traça um breve panorama da entrada de uma aluna surda no ensino regular em uma escola despreparada para recebe-la, (baseada em fatos reais) e que vivencia no cotidiano da sala de aula o desafio de se fazer entender.

Por essa razão, envolvidas por questionamentos sobre a maneira como os professores do ensino regular vêm lidando com o processo de entrada de alunos surdos em suas salas de aula e buscando entender como se organizam no cotidiano escolar e como lidam com esses alunos, buscamos compreender a experiência de ser professora na denominada “escola inclusiva”, de maneira que possamos responder às seguintes questões: a) O que acontece no cotidiano da sala de aula regular que tem uma aluna surda entre outros alunos que são ouvintes? b) De que maneira deve se organizar a prática docente com vistas a uma ação pedagógica inclusiva?

CONSTRUINDO DIÁLOGOS BILINGUES: UMA ANÁLISE LITERÁRIA

A escolha da narrativa constitui uma conexão híbrida texto verbal e não-verbal, bem como a articulação equilibrada e o diálogo entre ambos. Tal articulação confere

um grau de complexidade em sua tessitura a medida que focaliza no texto escrito e na imagem uma leitura significativa, baseada em fatos reais, apresentando pontos relevantes que emerge discussões sobre a inclusão de alunos surdos no ensino regular. A presença dos textos escrito e imagético oportuniza aos sujeitos leitores prazer, diversão e reflexão, instiga a um posicionamento intelectual ativo acerca da importância da apropriação da LIBRAS, como uma segunda língua para surdos os ouvintes brasileiros.

Aprendendo Libras com Aline, elaborado pela autora Araújo(2010) em parceria com seus alunos da Sala de Recursos Multifuncional, obra publicada pela Secretaria de Educação do município de Campina Grande-PB , tendo formato retangular(14x20) com 28 páginas, é uma narrativa constituída pelo texto escrito e visual composto pela professora e juntamente com a colaboração dos alunos. Ambos os textos permeiam articuladamente as dezessete páginas que compõem a história vivenciada pela menina Aline, sua professora e seus colegas de classe. A ilustração tem função além da complementaridade do texto verbal, por trazer elementos não apresentados ou explícitos , que proporcionam ao leitor a formação de elos entre passagens da história que permitem o preenchimento de lacunas ou “brancos” no percurso da narrativa, contribuem para a feitura de inferências pelos leitores, para a compreensão da obra como um todo significativo. Para efeito de análise dos elementos da narrativa, nos reportamos aos parâmetros apresentados por Faria (2004) e Genette (apud REIS & LOPES, 2002): enredo/ estrutura; personagens, tempo, espaço e narrador, pode ser caracterizada em três fases : a) situação inicial, b) desenvolvimento e c) desenlace (FARIA, 2004).

A trama se desenvolve no ambiente escolar, a aluna surda, alfabetizada em sua primeira língua LIBRAS, pela família, inicia-se sua jornada escolar em uma escolar regular, depara-se com o desafio de estabelecer a comunicação com as demais pessoas ouvintes da escola. A professora demonstrou preocupação com a situação em questão pelo fato de não ter a apropriação dos sinais, a aluna, prontamente, declarou que poderia ajuda-la em sala ensinando a LIBRAS.

Um outro momento que causava desconforto para a aluna acontecia no momento do recreio, seus colegas de classe riam da mesma, não entendendo o porque dela querer se comunicar com as mãos. O climas da história desenvolve-se no banheiro da escola, onde visualiza o tento do banheiro com rachaduras, retorna rapidamente aos colegas tentando alertar o perigo, mas os mesmos não conseguem entende-la. Logo em seguida,

uma criança foi machucada com a caída de pedaços do teto. A parti daquele dia todos perceberam a importância da real efetivação de uma comunicação bilingue“ Diariamente, Aline ensinava um pouco de LIBRAS a sua professora e aos demais colegas de classe.

Nessa direção, A aluna estava sendo integrada na classe de ouvintes, embora a socialização tenha ocorrida de forma respeitosa. A sua chegada na sala provocou o desenrolar de perguntas sobre a sua limitação auditiva e de questões outras que não podiam silenciar. É possível incluir? O que acontece na sala de aula é uma integração ou inclusão? A presença da aluna na escola regular, a quem beneficia? A aluna? A professora e aos alunos ouvintes? A família? A ideologia governamental? Será que a aluna é vista e aceita em sua totalidade de pessoa, ou é vista como muda ou deficiente?

À medida que a professora e os demais alunos aprendiam LIBRAS Com a personagem Aline questões importantes voltadas para o ensino-aprendizagem da pessoa surda nos faz refletir a necessidade urgente de toda a comunidade escolar redirecionar as práticas pedagógicas e buscar parcerias em Instituições especializadas, comunidades surdas, associações que ofereçam curso de LIBRAS, construindo uma ponto na perspectiva intercultural, bilíngüe.

Assim, recria-se um espaço para troca de saberes, que, respaldada nas palavras de Candau (2008, p. 23), faz traduzir que:

A perspectiva intercultural que defendo quer promover uma educação para o reconhecimento do “outro”, para o diálogo entre os diferentes grupos sociais e culturais. Uma educação para a negociação cultural, que enfrenta os conflitos provocados pela assimetria do poder entre os diferentes grupos socioculturais nas nossas sociedades e é capaz de favorecer a construção de um projeto comum, pelo qual as diferenças sejam dialeticamente incluídas.

O conceito de equidade de oportunidades não implica que todos tenham que vivenciá-las da mesma forma, mas sim, em considerar o direito à igualdade de oportunidades desiguais (BAPTISTA, 2009), isto é, diferentes segundo as características e necessidades de cada um.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A motivação principal deste estudo se concentrou na possibilidade de contribuir para a pesquisa em educação de surdos inseridos no ensino regular, refletir sobre a formação docente para atender esses alunos, de se atentar para as contradições das

políticas públicas de inclusão. Buscamos ainda, mostrar que a concepção de linguagem – LIBRAS é fundamental para estabelecer a comunicação e mediar novos saberes, além de se notar que o agir docente voltado para o olhar inclusivo diante das potencialidades do “outro” é imperativo, neste caso, o aluno/a surdo/a.

Neste contexto, o/a professor/a é o principal agente de transformação, não apenas acolhendo o diferente como parte de si mesmo, respaldando-se em uma educação ética e respeitosa, que no dizer de Demo (2005, p. 23) reconhece que “na prática, não existe igualdade estrita, porque a convivência é feita de gente diferente, com pretensões diferentes, sobretudo conflitantes”, mas implica, portanto, como docente a responsabilidade ética no ensino de alunos surdos, pois

É esse sentido dialógico dado à língua que pode propiciar aos surdos, como a outros aprendizes, o entrecruzar de fronteiras e de discursos, que ultrapassam os limites das línguas, fazendo ressoar, pelas trocas dialógicas, a sua palavra e se constituir enquanto sujeito discursivo (ARCOVERDE, 2004, p. 59).

Apesar do espaço da sala de aula ter sido redirecionado para atender as necessidades linguísticas da aluna, onde todos/as da classe demonstraram interesse na aprendizagem e na utilização da língua de sinais, juntamente com a professora que demonstrou desconhecer a LIBRAS, a ausência de um intérprete em sala e a não existência de outros alunos surdos presentes neste ambiente escolar podemos afirmar que a aprendizagem apresentou certo comprometimento em seu desenvolvimento,

Do ponto de vista da linguagem, o ensino na escola regular, atende parcialmente às necessidades sócio-educativas dessa aluna, tendo em vista que a inclusão escolar de alunos surdos no ensino regular apresenta aspectos de exclusão na comunicação, por não atender a diferenciação linguística da referida aluna em relação aos seus colegas de classe, os alunos/as ouvintes.

Nesse sentido, Falcão assegura que:

A questão da surdez está intimamente relacionada com a língua de sinais que assume a mediação entre os interlocutores proporcionando comunicação e construção de conhecimentos. Mas nada acontece por acaso, nem se aprende por osmose, nem parasitando saberes. [...] o desejo de aprender é de natureza individual do aprendiz, e ocorre de dentro para fora a motivação de ressignificar cada fenômeno cognoscitivo (2007, p. 53).

A educação bilíngue, LIBRAS como primeira língua e a língua portuguesa como segunda língua, na educação e construção da pessoa surda, defende que seja a criança

exposta o mais precocemente possível à sua língua natural, que é passível de aprendizagem. Sendo a Língua Portuguesa ensinada na modalidade escrita, com a presença de intérprete e, se possível, de outras crianças surdas, na sala de aula regular.

A partir desta decisão política e humana, configura-se um novo olhar que focaliza também a formação continuada do professor/a, o qual ocupa um papel importante nas relações estabelecidas em sala de aula, tornando-se um agente de mediação do processo ensino-aprendizagem entre o aluno surdo/a, os conteúdos trabalhados e nas relações de comunicação entre alunos/as ouvintes.

Assim, acreditamos que conseguimos refletir acerca da inclusão e lançar um outro olhar sobre a surdez. Mas, entendemos que existem alguns aspectos na educação das pessoas surdas que precisam ser analisados com mais profundidade, apesar dos avanços conseguidos por meio da proposta bilingue-bicultural.

Este estudo contribui, ainda, para a prática educativa do professor que se depara com alunos surdos inseridos no ensino regular. Dialogamos sobre as situações cotidianas da sala de aula que configuram a presença de alunos surdos integrados a sala de aula.

E por fim, apontamos a necessidade de discutir e debater sobre as possibilidades de ensino-aprendizagem deste aluno frente ao desafio de desencadear ações inclusivas que favoreçam as relações entre aluno surdo, aluno ouvinte e professor. Refletimos sobre o a importância do estudo da LIBRAS e sua utilização na comunicação com o aluno surdo.

REFERÊNCIAS

ARCOVERDE, Rossana D. de. **Os surdos em contexto digital: o encontro com a palavra escrita em Língua Portuguesa**. Tese (Doutorado em Lingüística Aplicada e Estudos da Linguagem). PUC-SP, 2004.

BAPTISTA, Claudio Roberto (Org.) **Inclusão e escolarização: múltiplas perspectivas**. Porto Alegre: Mediação, 2009.

BIKLEN, Sari Knopp; BOGDAN, Robert C. Dados qualitativos. In:_____. **Investigação Qualitativa em Educação**. 3 ed. Portugal: Porto Editora, LDA, 1999, p.149-193.

DEMO, Pedro. **Ser professor é cuidar que o aluno aprenda**. Petrópolis: Vozes, 2009.

FALCÃO, Luiz Albérico. **Aprendendo a LIBRAS e reconhecendo as diferenças: um olhar reflexivo sobre a inclusão**. 2ed. Recife: Ed. do autor,2007.

FARIA, Maria Alice. A criança e a imagem. In: CECCANTINI, João Luís C.T; PEREIRA, Rony F.; ZANCHETTA JR., Juvenal(Org.). **Pedagogia Cidadã: cadernos de formação: língua portuguesa**. São Paulo: UNESP, Pró-Reitoria de Graduação, 2004.

GHEDIN, Evandro e FRANCO, Maria Amélia Santoro. **Questões de método na construção da pesquisa em educação**. São Paulo: Cortez, 2008.

LACERDA, Cristina B. F. d. A inclusão escolar de alunos surdos: O que dizem alunos, professores e intérpretes sobre esta experiência. In: **Cadernos Sades - Educação, surdos e inclusão social**. Campinas, vol.26, n. 69, MAIO/AGOSTO. 2006.

MOREIRA, António Flávio; CANDAU, Vera Maria. **Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas**. 2ª Ed. Petrópolis,RJ: vozes, 2008.

QUADROS,ronice Muller de ; KARNOPP, Lodenir. **Língua de sinais brasileira: estudos lingüísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina M. **Dicionário de teoria narrativa**. São Paulo : Atica, 2002.

TARDIF, Maurice e LESSARD, Claude. **O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas**. Petrópolis: RJ, Vozes, 2009.